

ECO, UMBERTO; CARRIÈRE, JEAN-CLAUDE.
NÃO CONTEM COM O FIM DO LIVRO. TRAD. ANDRÉ TELLES.
RIO DE JANEIRO: EECORD, 2010. 269 P.

Davidson de Oliveira Diniz*
Universidade Federal de Minas Gerais / Fapemig

Não apresentando uma teorização específica a propósito de inovações midiáticas em torno do atual processo de informação ou, de outro modo, uma análise da circulação do saber na contemporaneidade, *Não contem com o fim do livro* vem a ser mais propriamente uma clara homenagem a este objeto máximo de cultura que é o livro. A tentativa, assim, reside em demonstrar que as tecnologias de hoje estão longe de tê-lo desqualificado.

A estrutura da obra em questão tem a característica de uma amistosa conversa entre Eco e Carrière, intermediada pelo ensaísta e jornalista francês Jean-Philippe de Tonnac. Por tudo isso, não se chega a formalizar uma disposição sistemática das ideias debatidas. Antes, o dialogismo que perpassa as conversas avança criando algo próximo da espessura de um hipertexto, passando instantaneamente de um nó para outro.

Daí os autores ora perderem o fio de seguimento a que são conclamados através de questões propostas por Tonnac, ora fazerem por reatá-lo. Isso não vem a ser, entretanto, uma diminuição. O que se perde com a ausência de verticalidade temática – às vezes deliberadamente descartada pelos debatedores – é recompensado pela panoramização divagatória dos diálogos infiltrados de erudição. Beiram, algumas vezes, ao inventário de processos criativos relativos a obras anteriores. É o caso de Eco no que diz respeito aos romances *O Nome da rosa*, *O pêndulo de Foucault*, e *Baudolino*. Carrière, por sua vez, revisita as lembranças de trabalhos em cooperação com o cineasta Luis Buñuel, em *A bela da tarde*, e, também, com o diretor de teatro e cineasta britânico Peter Brook.

Três motivos irradiadores, contudo, parecem propelar a conversa que se desdobra em quinze capítulos: as transformações a que o livro parece estar subsumido diante das novas tecnologias; o problema da memória, do arquivamento da informação diante da descartabilidade dos suportes contemporâneos; e, por fim, a bibliofilia desempenhada pelos autores ao longo de uma pesquisa de anos a fio.

Sob a perspectiva da morte do livro, os autores afirmam que a presente recomposição tecnológica deste objeto não modifica a sua função tradicional. O que vem acontecendo na atualidade, segundo concebem, consiste precisamente numa facilitação de armazenamento e deslocamento de informações. Aquela velha soma de papéis, de volumes que antes resultava ser um estorvo, haja vista o desconfortável transporte, torna-se, agora, uma facilidade mediante a dispobibilidade, por exemplo, do

* *davis.diniz@gmail.com*.

pen-drive e do livro eletrônico. Tais suportes também auxiliam a preservação de obras antigas, mais propriamente as raras, para as quais o manuseio direto é um agravante no que diz respeito à preservação.

Frente à questão da efemeridade dos suportes não duráveis, algo que caracteriza a presente inflexão na armazenagem e circulação social das informações, Eco e Carrière ponderam. A fragilidade dos suportes contemporâneos, a inexorável obsolescência dos dispositivos tecnológicos, entre outras coisas, são agravantes de algo a que já podemos considerar como uma “crise da durabilidade” em relação às memórias pessoais. Tudo isso se evidencia mediante a incerteza quanto à acessibilidade posterior de tais suportes, seja pela renovação dos mesmos, algo que gera suplantação e esquecimento implacáveis, seja pela disponibilidade de recursos energéticos para movimentá-los num futuro a cada dia menos pós-apocalíptico.

Portanto, ainda somos capazes de ler um texto impresso há cinco séculos. Mas somos incapazes de ler, não podemos mais ver, um cassete eletrônico ou um CD-ROM com apenas poucos anos de idade. A menos que guardemos nossos velhos computadores em nossos porões. (...) Aceleração que contribui para a extinção da memória. Este é provavelmente um dos problemas mais espinhosos de nossa civilização. De um lado, inventamos diversos instrumentos para salvaguardar a memória, todas as formas de registros, de possibilidades de transportar o saber – é provavelmente uma vantagem considerável em relação à época em que era necessário recorrer a mnemotécnicas, a técnicas para lembrar, pura e simplesmente porque não era possível ter à sua disposição tudo que convinha saber. Os homens então só podiam confiar em sua memória. Por outro lado, independentemente da natureza perecível desses instrumentos, que de fato constitui problema, também devemos reconhecer que não somos imparciais diante dos objetos culturais que produzimos.¹

É nesse sentido que vem a calhar a declaração a propósito de o livro, não obstante as inovações trazidas pela alta tecnologia, ter mantido sua função inalterada. As transformações tecnocientíficas, para os autores, levam não propriamente a um distanciamento do livro, e sim a uma modificação dos modos de pensá-lo ante inovações de última hora.

Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. (...) O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é.²

Vigorosa a ponto de ser excessiva, a essencialização do objeto livro (de modo a tomá-lo especificamente enquanto monumento, arquivo de bens culturais) acaba por evidenciar, assim, um tom nostálgico na reflexão dos autores. Explica a tentativa de

¹ ECO; CARRIÈRE. *Não contem com o fim do livro*, p. 24-25.

² ECO; CARRIÈRE. *Não contem com o fim do livro*, p. 16-17.

demarcar uma função para o livro da qual os suportes atuais não parecem dar conta. Pesa sobre isso, entretanto, a negação categórica, por parte de Eco, ao considerar ser tal essa função do livro que nem mesmo modificações na ordem da sua sintaxe ocorreram ao longo de mais quinhentos anos.

À revelia desta função que enrijece a feição do livro, sabemos que Mallarmé, quem nada mais quis deixar aos mil acasos da tipografia, buscou incansavelmente a espessura de uma página na qual sobrescreveria as “subdivisões prismáticas da Ideia”.³ O resultado foi *Um lance de dados*, livro que fez com que jamais voltássemos a nos debruçar da mesma maneira sobre tal objeto.

Negligenciando algo dessa dimensão, os autores incorrem em redução ao vislumbrar a permanência do livro somente mediante sua função de memória, descartando o processo de construção textual a partir dos novos suportes. A avalanche informativa na era da internet, para os autores, ameaça, por ser contraprodutiva. A *Kindle Digital Text Platform*, a *iBookstore* e a debutante espanhola (que, dada a circularidade do idioma, se destinará enfaticamente ao mercado livreiro latino-americano) *Libranda*, exemplos notáveis da revolução tecnológica a que o livro está prestes a fazer, parecem mesmo tender a formações discursivas incontrolláveis, sobre as quais já pesam sérias contradições. Faltam, portanto, critérios para organizar e verificar o saber proveniente daí. Nisso, Eco e Carrière são imponderáveis. Vêm no livro a possibilidade mais eminente de referência a fim de abordar o oceano encapelado desse saber insurgente das novas mídias que agora despontam.

Destaca-se, de outros modos, o tratamento dado pelos autores à ambivalência do processamento da memória: algo via de regra exercido mediante a dupla função conservar/esquecer. Tal questão concentra-se mais densamente no capítulo “A revanche dos filtrados”. Ali se discute o problema da seleção a respeito daquilo que uma cultura filtra, uma vez estipulando o que devemos arquivar e, em contrapartida, omitir. Enfim, a memória é sempre um ato de retalhamento, um conjunto de seleções arbitrárias.

Partem daí os diálogos ulteriores. Sob o mote bibliofilia, atividade exercida por Eco e Carrière, os autores listam e comentam obras cuja raridade expõe a arbitrariedade das filtragens. A exemplaridade da paixão pelos livros, impulso que permitiu aos autores mapear uma história do erro, tem culminância na figura de Athanasius Kircher, jesuíta alemão do século XVII e autor de mais de trinta livros sobre temas variados e a quem classificam como “um forjador de não poucas ideias falsas”. Ambos revelam ter compilado, durante os anos dedicados à bibliofilia, obras de autores cujas ideias consistem num sumário de doutrinas que permite compor um verdadeiro “elogio da burrice”.

Quando realizamos, nos anos 1960, com Guy Bechtel, nosso *Dicionário da burrice*, que teve diversas edições, ruminamos: Por que só dar valor à história da inteligência, das obras-primas, dos grandes monumentos do espírito? A burrice, cara a Flaubert, parecia-nos infinitamente mais difundida, o que é óbvio, mas também mais fecunda, mais reveladora e, num certo sentido, mais correta. Escrevemos uma introdução que intitulamos “Elogio da burrice”. Sugeríamos até dar “aulas de burrice”.⁴

³ MALLARMÉ. Prefácio ao poema, p. 70-71.

⁴ ECO; CARRIÈRE. *Não contem com o fim do livro*, p. 171.

Quando uma cultura promove filtragens do saber, ela costuma relacionar apenas os picos de criação, i.e., aquilo que, mediante depuração, passa a ser endossado por uma comunidade e, ato contínuo, acaba por constituir os valores legitimados por esta. E o livro, na qualidade de objeto que melhor a veio representando metonimicamente no decurso do séculos, não é testemunho indiscutível. Apesar da homenagem prestada, os autores observam que ele é insuficiente para tanto. Com efeito, diz Eco, é aconselhável jamais reconstituir o passado apoiando-se sobre uma única fonte.

A crise do livro não é propriamente a novidade deste milênio. O livro impresso, apesar de seus novos avatares, como o *Kindle* e o *iPad*, entre outros a que ainda brevemente seremos apresentados, parece estar habilitado a conviver com seus duplos digitais na contemporaneidade.

Por tudo isso, a pergunta que se coloca não é bem a da morte do livro de papel, formato a propósito do qual vemos evocar toda sorte de decadência. Parece mais pertinente nos perguntarmos, hoje, sobre as mudanças que as novas tecnologias implicarão no modo de pensar o armazenamento, o espaço social de circulação dos textos e, sobretudo, a criação de novas interfaces. Pois é certo estarmos diante da formação de uma nova mentalidade, decorrência de uma mudança cada vez mais perceptível num meio de comunicação tão difundido em nossa cultura através do papel outrora espargido pelo livro e, ao que consta, permanecerá sendo a partir de alterações.

Disso parecem cientes os autores de *Não contem com o fim do livro*. Ainda que não se disponham a escavar mais profundamente a especificidade da questão, é, todavia, insuficiente o argumento de que o livro *seguirá sendo o que sempre foi* uma vez a escrita podendo ser considerada, desde a sua invenção, como “o prolongamento da mão”, alegando, com isso, que “ela é quase biológica”, pois “é a tecnologia da comunicação imediatamente ligada ao corpo”.⁵ O livro eletrônico, as novas mídias digitais e plataformas de informação vêm justamente a afirmar um meio de comunicação cada vez mais eficaz a partir da possibilidade de distanciamento (quando não precisamente a ausência) dos corpos humanos.

Exercendo a costumeira tarefa das profecias, Benjamin parecia antever a necessidade (algo que podemos conectar exatamente à destes tempos, distinguindo devidamente as causas e plataformas) de uma nova tessitura literária do livro em consequência de inovações tecnológicas, naquela ocasião, trazidas pela máquina de escrever ao âmbito da escrita:

A máquina de escrever afastará da caneta a mão dos literatos, quando a exatidão das formas tipográficas introduzir-se imediatamente na concepção de seus livros. Presumivelmente far-se-ão necessários então novos sistemas, como formas de escritura mais variáveis. Eles colocarão a nervura dos dedos que comandam no lugar da mão cursiva da escrita habitual.⁶

Mesmo que não contemos como o fim do livro, devemos contar, sim, com as novas possibilidades de constituição textual. O livro se encontra, agora, diante de novas

⁵ ECO; CARRIÈRE. *Não contem com o fim do livro*, p. 19.

⁶ BENJAMIN. Uma profecia de Walter Benjamin, p. 194.

estruturas e agenciamentos multimidiáticos. É verdadeiro que ainda não houve abalo tão significativo quanto àquele promovido pela página prismática mallarmaica no que diz respeito ao seu arranjo, a escritura literária. Mas estamos decerto (e já faz algum tempo) diante de uma nova configuração do texto contemporâneo.

Borges costumava dizer que o livro, entre os diversos instrumentos do homem, é, sem dúvida, o mais assombroso. Todos os demais são extensões do seu corpo. Só o livro consegue ser outra coisa: uma extensão da memória e da imaginação.⁷ Pelo visto, ainda teremos muito com o que nos assombrar.

Contemos, pois, com isso.



REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Uma profecia de Walter Benjamin. In: CAMPOS, Augusto de, PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 193-194.
- BORGES, Jorge Luis. O livro. Trad. Josely Vianna Baptista. In: _____. *Obras completas. Volume IV*. São Paulo: Globo, 1999. p. 189-197.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010. 269 p.
- MALLARMÉ, Stéphane. Prefácio ao poema. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardista. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 70-71.